



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

MONIQUE CHAVES NOGUEIRA

**MÍDIA E EDUCAÇÃO:**  
A perspectiva da educação infantil frente às influências televisivas

Salvador  
2009

MONIQUE CHAVES NOGUEIRA

## **MÍDIA E EDUCAÇÃO:**

A perspectiva da educação infantil frente às influências televisivas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Pedagogia, pela Universidade Federal da Bahia.

Orientador:

Prof. Dr. Cleverson Suzart

Salvador  
2009

**MONIQUE CHAVES NOGUEIRA**

**MÍDIA E EDUCAÇÃO:**

A perspectiva da educação infantil frente às influências televisivas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Pedagogia, pela Universidade Federal da Bahia.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Cleverson Suzart

---

Prof<sup>a</sup>. Salete Noro

---

Prof. Dr. Menandro Celso de Castro Ramos

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pelas oportunidades e pelas pessoas que colocou em meu caminho para que auxiliassem no meu desenvolvimento intelectual e moral, para fazer-me progredir. Ele é um dos responsáveis pelas vitórias em minha vida, dentre elas a conclusão desta etapa.

A minha mãe Estela, minha amiga, companheira, maior incentivadora, que além de dar-me a vida ainda fez com que ela fosse vivida cheia de amor e carinho. A ela meu maior agradecimento e todo meu amor.

Ao meu pai Adilson, minha maior saudade, agradeço a ele por sua dedicação, carinho e amor durante os anos que estive entre nós, e mesmo distante fisicamente se faz presente em espírito.

Ao meu irmão André, por está sempre em minha torcida, acreditando que sou capaz, obrigada por seu carinho.

Ao meu namorado Cleber, por sua compreensão, carinho e participação, elementos importantes para que este trabalho fosse desenvolvido. Muito obrigada meu bem.

Ao meu orientador Cleverson, por compartilhar seu conhecimento e saberes, tornando deste um momento de verdadeira construção de aprendizagens.

Aos meus amigos do CEUSB, em especial, Allana, Bruna e Cássia que estive presente em meus momentos de angústia e felicidades no processo de realização deste trabalho.

Aos colegas e professores da UFBA, que proporcionaram espaços para a construção crítica e reflexiva que me auxiliaram para a elaboração desta monografia. Enfim, agradeço a todos que compartilharam desta conquista.

“Todos os que levam educação a sério deveriam falar e escrever sobre televisão como o fazem sobre livros”.

(Nelson Hoinoff, 1996 p. 107).

NOGUEIRA, Monique Chaves. **Mídia e Educação:** A perspectiva da educação infantil frente às influências televisivas. 56 f. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

## RESUMO

Propõe reflexões acerca da relação entre educação, crianças e as mídias televisivas, a partir da compreensão de que as mídias configuram nos modos de existência do mundo contemporâneo. Os resultados dos estudos bibliográficos verificaram a influência da televisão na educação infantil e, por isso, a TV e as mídias devem ser trabalhadas no âmbito das vivências das crianças da atualidade. Os desafios lançados à escola e aos responsáveis pela educação das crianças apontam para a importância de uma mediação entre o homem e o mundo que o cerca. Explicita-se no texto sobre a necessidade da modernização da escola para formar sujeitos capazes de fazer o uso crítico, reflexivo e criativo das mídias, aproveitando o poder que elas possuem. O objetivo principal é o de contribuir, no âmbito educacional, para a análise crítica de programas televisivos direcionados ao público infantil. Sendo assim, é pertinente que se criem estratégias de como trabalhar com as mídias, no caso a televisão, para auxiliar no desenvolvimento dos alunos.

**Palavras-chave:** Televisão. Criança. Mediação. Educação.

NOGUEIRA, Monique Chaves. **Media and Education**: The prospect of childhood education in the face of television influences. 56 pp. 2009. Work of Conclusion Course (Undergraduate) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

### **ABSTRACT**

It is proposed reflections about the relationship between education, kids and television media, from the comprehension that media induces in the ways of living in the contemporary world. The results from the bibliography study showed the TV's influence in kindergarten and so they must be studied due to actual child life. Challenges left to school and any professional responsible for child education point to the importance of a mediation between the man and the world that is around him. It is showed in the text the necessity of a school modernization to make up subjects able to do a critic, reflexive and creative use of medias, taking advantage of the power they have. The main goal is to contribute, in educational scope, to the critic analysis of television programs directed to children. Therefore, it is pertinent that creation of strategies of how to work with medias, in this case television, in the sense of helping the development of students

**Keywords:** Television. Children. Mediation. Education.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>2 PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI</b>	<b>12</b>
<b>3 O PROFESSOR E OS DESAFIOS DE EDUCAR FRENTE ÀS INFLUÊNCIAS TELEVISIVAS</b>	<b>23</b>
<b>4 O DESENHO ANIMADO NO COTIDIANO INFANTIL</b>	<b>38</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>52</b>



## 1. INTRODUÇÃO

A sociedade moderna vive um momento de transformações que refletem, sobretudo, nos grandes avanços tecnológicos, impondo novas condições a todas as esferas da sociedade, influenciando nas relações pessoais, políticas e econômicas, além de incumbirem-se da produção e disseminação de conhecimentos.

As mídias são instrumentos que fazem parte do cotidiano de muitos brasileiros. Sua utilização se torna algo cada vez mais acessível. No entanto, as crianças não estão sendo instruídas para se beneficiar dessas tecnologias, seus pais estão utilizando a TV como único meio de entretenimento para os filhos e a escola, muitas vezes, não possibilita esclarecer ao aluno como seria se beneficiar com as mídias, nesse caso a TV, e as crianças ficam sem instruções quanto às informações que são transmitidas pela mídia. Diante desses aspectos, muitas devem ser as análises a serem feitas antes de rotular os programas televisivos, pois não se sabe até que ponto pais e, principalmente, professores estão atentos para essa questão.

Partindo desse pressuposto, nosso objetivo geral é discutir e analisar o papel da escola diante da influência que os programas televisivos exercem na educação de nossas crianças. Ele parte de uma inquietação que vem se acentuando de acordo com análises feitas a partir de observações particulares e de especulações. Para isso, laboramos uma pesquisa teórica, de cunho bibliográfico para o tratamento da problemática em questão, cujo objeto de estudo é o desenho animado. Pretendemos, com este estudo, abordar a participação da escola diante da utilização da TV pelas crianças, verificar a contribuição que a TV proporciona na educação delas e perceber quais as influências que os desenhos animados causam com a exposição diária nessas crianças.

O modo como a mídia opera (e, particularmente, a televisão) na construção de sujeitos e as subjetividades na sociedade contemporânea, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à "educação" das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que

vivem é algo que deve ser trabalhado em sala de aula. Já havia, no início da difusão da TV no Brasil, a preocupação em relação ao conteúdo exibido nos programas, e o trabalho proposto busca compreender como a escola pode fazer essa mediação.

Pensamos que levar a TV à escola, enquanto objeto de estudo, de modo que se integre à formação pedagógica dos professores, muito auxiliará no processo de mediação entre a mídia e a criança. Sendo assim, um professor que não esteja capacitado para tal função não exercerá seu papel de facilitador neste processo, e, com isso, os alunos terão dificuldade para lidar com as inovações. Cresce a consciência de que a questão é substantiva, e isso tem se manifestado no número de artigos, pesquisas, publicações, seminários e teses dedicados a ela.

O texto sugere a urgente necessidade de transformar a mídia em objeto de estudo no âmbito das práticas pedagógicas escolares. Temos que levantar dados que possam esclarecer e auxiliar como devemos nos portar diante de algo que já está totalmente inserido em nosso contexto.

Segundo Moran (2002), devemos “fazer re-leituras de alguns programas em cada área do conhecimento, partindo da visão que os alunos têm, e ajudá-los a avançar de forma suave, sem imposições”. A escola precisa observar o que está acontecendo nos meios de comunicação e mostrá-lo, na sala de aula, discutindo-o com os alunos, ajudando-os a perceberem os aspectos positivos e negativos das abordagens sobre cada assunto.

Trazer para a discussão a abordagem da influência da TV para educação das crianças, parte dessa falta de importância que é dada à TV na nossa sociedade. O que se percebe é que não estamos atentos para essas novas mudanças. Sendo assim, não percebemos o quanto a TV adentrou as nossas casas e o quanto ela pode influenciar em nossas posturas diárias, ou quando percebemos sua força, tentamos criar estratégias de exclusão desse aparelho eletrônico, pois agora a TV passa a ser vista como danosa. A televisão é entretenimento e, partindo dessa verdade, o telespectador procura uma programação que o mantenha atento diante da tela.

No primeiro capítulo deste trabalho é realizada uma descrição analítica da perspectiva da educação para o século XXI, refletindo a atuação da educação de acordo com as mudanças vividas pela sociedade.

No segundo capítulo, fez-se um levantamento de qual a relação entre escola-mídia e de como os educadores podem colaborar para o bom andamento desta relação. Busca-se, neste capítulo, analisar a relação do professor diretamente com as mídias, reforçando a importância de se oferecer formação inicial e continuada para que os educadores se apropriem do novo aparato tecnológico disponibilizado e, a partir de então, possa o professor mediar a formação dos seus alunos para o uso crítico, reflexivo e criativo. Elaborar estratégias para que a escola contribua com o desenvolvimento da competência de analisar dos jovens, permitindo que eles compreendam e interpretem, de forma crítica, a avalanche de imagens as quais estão expostos, é uma questão urgente que exige criatividade, ousadia e experimentação.

No terceiro capítulo deste estudo, é feita uma análise sobre as influências da televisão no cotidiano infantil, trazendo para o foco das discussões os desenhos animados. Apresentaremos os desenhos como um dos programas mais assistidos pelas crianças, e por isso, a necessidade de verificar-se a abordagem desses desenhos. Dentre os preferidos pela criançada e que apresenta maiores problemas na sua composição, está o *Pica-pau*, por isso, tem-se uma breve discussão quanto ao conteúdo deste programa.

Na finalização deste trabalho, nas *Considerações Finais*, compreende-se que refletir sobre o desenvolvimento da integração dos meios de informação no processo educacional possa subsidiar novas ações que aperfeiçoem e efetivem a construção de uma nova escola. A exploração dos conteúdos midiáticos e sua utilização nos ambientes formadores de opinião estabelecerão boa relação entre as mídias e as pessoas.

## 2 PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI

Ao tratar da perspectiva da educação no século XXI, é imprescindível discutir acerca das práticas pedagógicas dos professores diante dos novos anseios dos alunos frente às influências das tecnologias. As grandes mudanças, que estamos presenciando ao longo desses anos, são fruto do processo de modernização da sociedade. Esta modernização dá-se tanto na agilidade da produção quanto na necessidade de conhecimentos e sabedorias para manusear essas informações.

Santiago (2007, p. 03) acredita que vivemos um tempo caracterizado por uma verdadeira revolução cultural, propiciada pelas forças que assumem no cotidiano da sociedade contemporânea as distintas formas de comunicação e informação. Em meio aos avanços tecnológicos que o mundo vem passando, propomos discutir acerca da televisão como sendo responsável pela disseminação de informações e de mudanças de hábitos, pois ela é um veículo de transmissão, fruto desse desenvolvimento.

Santiago (2007, p. 03) percebe que, no âmbito específico das práticas escolares, o próprio sentido do que seja "educação" amplia-se em direção ao entendimento de que os aprendizados sobre os modos de existência, os modos de comportar-se e os de constituir a si mesmo, quase todos se fazem com a contribuição inegável dos meios de comunicação. Sendo as escolas um ambiente de formação de indivíduos, esta deve passar por sérias revoluções tecnológicas e de conhecimento. Essas mudanças no campo educacional são muito mais complexas do que imaginamos, pois, além de promover avanços no setor educacional, a revolução tecnológica acarretou sérias mudanças na sociedade. Portanto, além de capacitar a mão-de-obra, ter o cuidado de formar as pessoas para vivenciarem este processo. A preocupação maior está em formar sujeitos críticos e questionadores, com capacidade de criar e não reproduzir tudo e qualquer coisa que veem na TV.

Tendo em vista esse cenário de grandes inovações e poucos avanços educacionais, percebemos que a utilização cada vez mais frequente dos meios

eletrônicos e das tecnologias de comunicação está transformando as práticas sociais do mundo contemporâneo, moldando-as, pautando suas ideias e ações, enfim, agindo de uma forma determinante em nossa sociedade. Sendo assim, a escola tem um papel fundamental nesse processo no que concerne à sua atuação nesse mundo da informação e dos meios eletrônicos. Como nos afirma Ferres (1996, p. 10):

É surpreendente que a instituição escolar não tenha somente deixado que essa hegemonia na educação lhe fosse usurpada, mas que ainda assista impassível, ao processo da penetração da cultura audiovisual, sem oferecer sequer modelos de interpretação e de análise crítica para as novas gerações.

Pelo exposto, chegamos aos seguintes questionamentos: Como a escola se apresentará nesse contexto em que as tecnologias da comunicação ganham tanto espaço? Que práticas educacionais serão as desenvolvidas para atenderem a essa demanda? Que métodos pedagógicos podem ser melhor desenvolvidos e aplicados? Enfim, qual será o papel da escola no mundo da informação e das novas tecnologias? São questões como estas que tentaremos debater e elucidar ao longo deste trabalho.

Antes de entrarmos em nossa problemática propriamente dita, cabe-nos fazer um breve apanhado da trajetória da televisão na sociedade brasileira para melhor entendermos sua evolução, sua inserção no meio social e suas contribuições.

Dentre as tecnologias presentes no contexto educacional do Brasil, a informação e a forma de ver o mundo predominantes vêm, fundamentalmente, da televisão. Ela alimenta e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético que crianças, jovens e grande parte dos adultos levam para sala de aula. Pillar (2001, p. 77) compreende que, mesmo sujeito a correr risco de sofrerem alienação, as “massas ignorantes brasileiras” se alfabetizam iconicamente pelo rádio e pela televisão. A afirmação trazida pelo autor remete-nos a uma visão limitada, nos impossibilitando pensar que as pessoas são seres ativos capazes de reflexão. Assim, desde que foi introduzida no Brasil, na década de cinquenta, verificamos que, apesar de fazer-se presente em uma quantidade restrita de lares, desde aquela época, a TV já se

apresentava como um instrumento de extraordinária capacidade de fascínio em seus telespectadores.

A relação da educação com a sociedade obedece a uma tendência em que atua condicionada pelos interesses da classe dominante da sociedade. De forma geral, como as novas tecnologias surgem, normalmente, através dos países ricos e, em seguida, através dos segmentos ricos da nossa sociedade, temos uma tendência natural em identificá-las com interesses dos grupos econômicos dominantes. E, muitas vezes, servem inicialmente estes interesses. Citamos uma parcela minoritária da população, a elite econômica, que sempre enxergou a educação como algo que tinha que servir aos seus interesses econômicos e políticos, para garantir sua hegemonia. A elite detém grande parte da informação que nos é ofertada pelas tecnologias além de capitalizarem os meios de informação para disseminar sua forma de ver e pensar a sociedade atual.

Uma atitude excludente frente às novas tecnologias pode terminar nos deixando numa posição retrógrada na sociedade apresentando-nos como sujeitos que não contribuem para modernidade. Temos que nos apresentarmos como sujeitos capazes de vivenciar essas novas experiências, e não permanecermos imóveis diante das dificuldades e dos problemas encontrados, ao não nos posicionarmos e não agirmos enquanto sujeitos de nossa história, perplexos diante da realidade distorcida que nos é apresentada. Isso seria sucumbir os desejos das elites dominadoras.

Com o passar do tempo e com a multiplicação do acesso à televisão, o acesso torna-se mais fácil, sua presença nos lares dos brasileiros se torna cada vez mais imprescindível, fazendo-se presente desde as classes mais abastadas até as mais humildes. A televisão passa a fazer parte da vida das pessoas, passa a ser seu principal meio de busca pela informação, do entretenimento e lazer. Baseando-nos no texto de Filho (1988), o autor afirma que, em comparação com épocas não tão remotas, a televisão não representava potencialmente nenhuma ameaça flagrante à educação tradicional, pois crianças e jovens assistiam-na pouco ou não a possuíam, e, pelo menos no Brasil dos anos 60, enquanto a televisão ainda não tinha

desenvolvido sua linguagem específica, essa influência era modesta.

Verificamos que, apesar de na década de 60, a TV ainda não ser de fácil acesso, esse quadro vem se modificando a partir da década de 70 e 80, o que vai interferir na postura e no modo de estar das pessoas na sociedade. Podemos observar que a introdução da televisão no Brasil coincide com o começo de um importante período de mudanças na estrutura econômica, social e política. Baseando-nos nessas informações, podemos considerar a TV como um dos agentes que mais contribui com a formação dos indivíduos na sociedade. Alerta-nos Ferrés (1996, p. 8) que

[...] muitas famílias, condicionam tanto a organização do tempo como formação do espaço. Dependendo da televisão a hora de ir deitar, de ir ao banheiro, de quando serão feitas as refeições, de que forma será organizado o fim de semana, o que consomem [...].

A televisão, no século XXI, com a experiência acumulada no processo de evolução, nos apresenta agora com outros fatores, como o seu o poder de criar as mais variadas significações, estereotipar realidades e, conseqüentemente, manipular os telespectadores que não estejam sendo preparados para receber as informações devido à deficiente prática dos professores em sala de aula para lidar com esta situação.

Acreditamos que a televisão em si não seja ruim. Mas a televisão sem o acompanhamento de uma educação inovadora, sem o conhecimento e sabedoria que permitam organizar o seu real aproveitamento, leva-nos apenas a continuar reproduzindo tudo e qualquer informação que seja disponibilizada. Ocorre que a manipulação de ideologias que tanto é discutida quando tratamos da televisão, só será possível se não estivermos preparados para usufruir deste aparelho. Sabemos que a TV é apenas um objeto eletrônico, e, por isso, tudo que ela reproduz é fruto da sociedade que a constroi.

Para Belloni (2005 p. 10), “[...] a escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social [...]”. Assim, a educação e os sistemas de gestão do

conhecimento, que se desenvolvem em torno dela, têm de aprender a utilizar as novas tecnologias para transformar a educação, na mesma proporção em que estas tecnologias estão transformando o mundo que nos cerca. Devemos pesquisar novos caminhos de integração e não tomar uma postura anti-TV.

Promover transformações na sociedade, a partir da educação, não significa a dissociação entre a TV e a escola. Pelo contrário, significa pensar que existe a necessidade da educação para a programação da TV, tendo em vista as transformações sociais, econômicas e políticas, pois fazem parte de um mesmo processo histórico e essa junção é responsável por criar sujeitos capazes de contribuir para os avanços.

Neste contexto, Morin (2005 apud SANTOS e REIS, 2007, p. 11) afirma que ensinar é motivar para aprender e apoiar na organização da informação, uso das ferramentas e tecnologias adequadas, apreensão e descarte a partir das referências do próprio sujeito, sendo este papel de todos os líderes nas diversas organizações, escolares ou não.

Quando a TV surgiu, há 60 anos, era outra intencionalidade dos programas, pois eles tinham um perfil diferenciado do que se tem hoje. Os programas obedeciam às necessidades da época e a escola não era “incitada” a dialogar com esse meio. A TV não se fazia tão presente como na atualidade. Hoje a relação é outra, os tempos mudaram, nasceram outras necessidades, assim como os desafios postos. Hoineff (1996 p. 15) nos chama à reflexão:

A velha televisão morreu e uma nova televisão acaba de nascer. Os responsáveis pela morte de uma e pelo nascimento de outra são os mesmos: a revolução nas tecnologias de distribuição de sinais e desenvolvimento dos processos de digitalização.

Hoje, em pleno século XXI, a escola não pode permanecer pensando em educação da mesma maneira de que há anos atrás; deve inovar, levando em consideração que a televisão tornou-se parte do cotidiano dos alunos, e a figura do professor de extrema importância na construção de uma boa relação entre as crianças e o mundo das informações. Segundo Dowbor (2001, p. 06).



O mundo que hoje surge constitui ao mesmo tempo um desafio ao mundo da educação e uma oportunidade. É um desafio, porque o universo de conhecimentos está sendo revolucionado tão profundamente, que ninguém vai sequer perguntar à educação se ela quer se atualizar. A mudança é hoje uma questão de sobrevivência, e a contestação não virá de “autoridades”, e sim do crescente e insustentável “saco cheio” dos alunos, que diariamente comparam os excelentes filmes e reportagens científicos que surgem na televisão e nos jornais, com as mofadas apostilas e repetitivas lições da escola. Como também surge a oportunidade, na medida em que o conhecimento, matéria prima da educação, está se tornando o recurso estratégico do desenvolvimento moderno.

Enquanto a sociedade vive um momento de grandes e complexas transformações, a escola, como espaço formador de cidadãos, não pode caracterizar-se, nesta sociedade, como ambiente indiferente às mudanças trazidas pelas tecnologias do mundo contemporâneo.

No que se refere à postura da instituição escolar, notamos um verdadeiro paradoxo, pois enquanto responsabiliza-se pela formação dos sujeitos que irão compor nossa sociedade tecnológica, a escola, na maioria das vezes, isola-se em suas práticas arcaicas e tradicionais, cujo ensino pouco atrai e acaba quase não trazendo prazer para aqueles que estão envolvidos no processo educativo. O resultado dessa postura é refletido no desempenho do aluno que não vê o ambiente escolar como um espaço no qual seus valores, cultura, cotidiano, enfim, seus costumes são respeitados e reconhecidos. Precisamos, assim, refletir nossos conceitos, reavaliar nossas práticas, requalificar nossa postura enquanto educadores da era da tecnologia e da informação.

Se avaliarmos com maior minúcia a prática pedagógica realizada em nossas escolas, iremos notar que quase não possui relação com as transformações trazidas pela revolução tecnológica, pois, enquanto esta acontece de forma assombrosamente rápida, o ensino parece seguir na contramão. Assim, percebemos que, através de suas linguagens e programas adaptados às diferentes faixas etárias, a TV torna-se mais atraente e interessante que a escola que desconsidera, em seus processos de formação e em seu currículo, o aluno e suas experiências de vida.

Ferrés (1996, p. 7) constata que “uma escola que não ensina como assistir à

televisão é uma escola que não educa.” A escola que se propõe inovações precisa estar flexível a experimentar o “novo”, preparando-se para o desafio de inserir no processo de ensino-aprendizagem as novas tecnologias, mudando dos modelos pré-estabelecidos da educação tradicional para uma educação inovadora.

Com o avanço tecnológico, algo é sempre substituído ou aprimorado e isso também ocorre nas escolas. Com o advento das novas tecnologias, o livro didático, o quadro negro e o giz estão começando a dar lugar a outras linguagens, outros recursos que passam a ser utilizados no processo educativo. A sala de aula da atualidade não suporta métodos de ensino que não atendam às necessidades dos alunos de hoje. O contexto em que vivemos é outro, por isso devemos fazer com que nossa sala de aula esteja inserida neste novo modelo. Segundo Santos e Reis (2007) ao mesmo tempo em que a educação se torna um instrumento estratégico da reprodução social e de promoção das populações, surgem as tecnologias que permitem dar um grande salto nas formas de organização e de conteúdo da educação. Além disso,

[...] estudar novas tecnologias e educação, neste contexto, significa buscar entender os vínculos entre a inserção delas no processo produtivo e o caráter que assumem o aparato escolar e os demais órgãos educacionais e culturais, desde a estrutura escolar formal até os meios informais de educação, principalmente os meios de comunicação de massa. Por outro lado, consiste em compreender as implicações da educação no processo produtivo, ideológico e político, ou melhor, entender como a produção da escola e dos demais meios atuam na sociedade. (KAWAMURA, 1990 apud SANTOS, 2002, p.7).

O que estamos defendendo é o novo modelo dos métodos pedagógicos, ou seja, a educação para que cumpra seu papel de formadora de sujeitos críticos e autônomos para a sociedade que se faz cada vez mais complexa, exigente e excludente como está presente em nossos dias, não se deve propor continuar com métodos tradicionais que não favorecem reflexão nem criticidade em relação ao mundo contemporâneo. Nem tão pouco embasar o ensino no uso de livros didáticos (que quase não possuem relação com a realidade do aluno) e um quadro (branco, verde ou negro), instrumentos pedagógicos tradicionais, que pouco despertam a

atenção e curiosidade de seus alunos.

É preciso compreender que o objetivo máximo da educação é o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões, o que implica preparar os sujeitos para encontrarem respostas consistentes aos complexos problemas da contemporaneidade que se apresentarão de forma inédita a cada dia e exigirão uma aprendizagem precoce, consistente e permanente. Assim sendo, a qualificação para a atuação profissional que confunde-se com ação social lato e não pode limitar-se ao estreito setor da tarefa mecanicista nem, tampouco, aceitar a escola como única agência demandante dessa formação em um ambiente complexo no qual existe uma importância crescente do aprendizado vitalício para qualquer país que queira ser economicamente competitivo. (YOUNG, 2000, p. 96 apud SANTOS, 2007, p. 16).

Frente à avalanche de transformações tecnológicas que são inseridas no mundo contemporâneo, o ambiente educacional permanece como que anestesiado, podado boa parte do processo de desenvolvimento. Como disse Morin (1999):

É preciso substituir o pensamento que isola e separa, por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir o pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto. (MORIN, 1999, p.89).

Sabemos que as resistências à mudança são fortes, mas entendemos que modificar nossa prática, buscando uma educação inovadora, é preciso. Moran (2002) nos informa que a TV somente entretém enquanto que a escola educa. Justamente porque a televisão não diz que educa o faz de forma mais competente. Isso porque, segundo o autor, a televisão tem o poder de dominar os códigos de comunicação e os conteúdos significativos para cada grupo: os aperfeiçoando e atualizando. Para Moran (2002), “nós educadores fazemos pequenas adaptações, damos um verniz de modernidade nas nossas aulas, mas, fundamentalmente, continuamos perdendo alunos pela força e os mantendo confinados em espaços barulhentos, sufocantes, apertados e fazendo atividades pouco atraentes”.

Moran (2002), ao estabelecer relação entre a maneira como a televisão “educa” e a postura da escola perante os alunos, destaca que o equivoco encontra-se na

maneira como a escola lida com as necessidades de seus alunos. Devemos deixar de utilizar o discurso de que a televisão tem um grande potencial de deslumbramento entre os estudantes e partirmos para a construção de uma educação diferente, que contemple o modelo de sociedade moderno. Para Moran (2002), fingimos que educamos nossas crianças quando repetimos práticas que já não se adequam. Portanto, Moran (2002) nos convoca a fazer uma reflexão acerca das nossas práticas, nossos métodos tradicionais e, de certa forma, “ultrapassados”. O autor nos alerta para a necessidade de dialogarmos com o novo; na verdade, ele quer nos mostrar que não devemos encarar a televisão como vilã, mas sim como aliada desse novo processo que está posto, e que devemos acompanhá-lo.

Insistir em uma educação meramente escolar, ignorando as novas tecnologias com seus reflexos e os outros centros educativos da sociedade, só é pior do que, além de fazê-lo, não remover a própria escola da visão reificante e pautada na “transmissão do conhecimento” e na inobservância do contexto dos sujeitos e dos ambientes, interno e externo, das organizações (cf. ESG, 2006 apud SANTOS, 2007, p. 25). Investir no ensino e democratização do acesso às novas tecnologias é um dos requisitos para garantir uma boa educação no contexto atual. Não obstante, para uma boa educação é fundamental a apropriação de conhecimentos por parte dos indivíduos das novas formas de aprender e de utilização das tecnologias. Eis aí um grande desafio. Não se trata de inundar as escolas de aparelhos eletrônicos, como que caídos de paraquedas. O processo de disseminação da televisão e suas influências na prática pedagógica deve ser levado a sério. Deve-se buscar a formação de sujeitos criativos e críticos, que possam compreender e participar do processo.

Dowbor (2001, p. 2) apresenta-nos dados de estudos feitos em empresas que mostram como “a simples informatização leva apenas a que as mesmas bobagens sejam feitas com maior rapidez”, além do acúmulo de equipamento sofisticado utilizado como máquinas de escrever. Na visão do autor trata-se de organizar a assimilação produtiva de um conjunto de instrumentos poderosos que só poderão funcionar efetivamente ao promovermos a mudança cultural, no sentido mais amplo.

Pelo exposto até aqui, fica evidenciado o papel central do processo

educacional na construção da atual sociedade, que leva a escola a inovar suas práticas, seus métodos, conteúdos e a repensar seu projeto político pedagógico, ou seja, a educação deve-se renovar diante das perspectivas que se queiram alcançar. E, devido a esse grande interesse pelo imenso poder da TV, é fundamental o debate sobre seus acréscimos e vantagens em utilizá-la no âmbito educacional.

A escola tem que incluir, em seu processo pedagógico, o uso dessas tecnologias e, especialmente, a TV que tem sido responsável pela influência exercida na construção de valores, comportamentos, opiniões e pela visão de mundo que a sociedade adota.

A inclusão das tecnologias, especificamente da TV, no processo pedagógico escolar, não significa seu mero uso como sendo um recurso didático que não favorece a compreensão dessas tecnologias e de sua importância, de seu papel e influência na sociedade. É preciso que cada aluno aproprie-se dessas tecnologias e da TV, para compreender suas linguagens, avaliá-las, experimentá-las e criticá-las com o propósito de que o aluno torne-se também o produtor do conhecimento e deixe de apresentar-se como sujeitos passivos.

A riqueza da apropriação da linguagem da TV, no processo pedagógico, está em explorá-la didaticamente fazendo com que os alunos reflitam sobre ela e a entendam criticamente, compreendendo sua influência na sociedade e em suas próprias vidas, não se tornando passivos frente à realidade social da qual fazem parte.

Pensar em educação, no século XXI, incita refletir acerca das influências do processo de disseminação da informação, e dessa forma, TV e escola devem estar integradas em busca de uma prática educacional diferenciada e que possam inserir-se no mesmo espaço numa relação que vai além da simples concorrência. E a educação acontecerá como sempre se propôs: como instrumento de emancipação dos sujeitos e formadora de cidadãos críticos, reflexivos e participativos da sociedade na qual se inserem, favorecendo seus educandos serem capazes de compreender as diferentes linguagens existentes nesta mesma sociedade e de lutarem por seus direitos e pelo seu espaço.

Pensar em educação no século XXI nos faz, obrigatoriamente, remetermo-nos em um processo evolutivo no qual não podemos pensar em modelos educacionais sem pensarmos em transformação. Por isso, Santos e Reis (2007, p. 22) concluem que:

Um novo perfil educacional que mantenha a sociedade brasileira ao passo das constantes transformações sociais globais remeterá a compreensão de todo o retro-citado, percebendo a necessidade de sermos um país de educadores líderes e líderes educadores, nos diversos espaços onde a construção do conhecimento se processe, tecendo uma teia relacional sistêmica e indissociável entre estes espaços para que tenhamos uma sociedade verdadeiramente educativa.

Sendo a televisão um dos objetos tecnológicos que tanto influencia na educação deste século e sendo esta o foco da discussão deste trabalho, temos o dever e a necessidade de termos a compreensão crítica deste aparelho para que possamos utilizá-la como ferramenta de nosso trabalho. Enquanto a mídia, na maioria das vezes, exerce sua função social para a manutenção dos modelos vigentes na sociedade, uma vez se tratando de um meio de difusão de informações, a educação deve seguir no contraponto, denunciando e combatendo toda forma de manipulação e hegemonização exercida ou estimulada por qualquer meio socializador.

### **3 O PROFESSOR E OS DESAFIOS DE EDUCAR FRENTE ÀS INFLUÊNCIAS TELEVISIVAS**

Vivemos em um período marcado por grandes desafios no ensino, dentre estes está a questão da aprendizagem. Para que a aprendizagem seja significativa é inevitável a reflexão sobre a utilização e a influência dos meios eletrônicos nos dias atuais. Diante dessa realidade, nós educadores estamos sendo conclamados a pensar novas possibilidades, a pesquisar novos caminhos de integração entre o humano e o tecnológico.

É inegável a penetração da televisão no mundo escolar, pois ela tem disputado cada vez mais o espaço com os livros e os demais materiais didáticos utilizados no ambiente escolar. Esse fato nos coloca um problema: o despertar da reflexão sobre o papel dos educadores nesse novo contexto. Assim, refletindo sobre a natureza mutável do ser humano, caracterizado por estar sempre sofrendo adaptações, e tendo os processos de modernização presentes em todos os campos da sociedade, acreditamos que o professor é um dos agentes que melhor assume o papel de mediador entre esse processo de inserção da televisão na vivência das crianças. De acordo com as autoras Mendonça, Mendes e Souza (2007, p. 04):

O professor precisa se envolver no processo educativo de maneira que compreenda que o homem é multidimensional e dessa forma não descaracterizar as influências que existe em torno do educando. E com isso perceber que a criança apropriada desse contexto midiático precisa explorar esse instrumento de modo a beneficiá-la em seu desenvolvimento global. A escola exerce um papel preponderante nessa construção.

Estamos incluídos numa sociedade onde suas práticas, muitas vezes, são regidas de acordo com as exigências das mídias. São as informações veiculadas nas mídias que ditam, muitas vezes, formas e comportamentos, regras, ações e modelos. E, tendo a televisão como aparelho de maior difusão da informação, cujo conteúdo dos programas introduz essas idéias e procedimentos para a vida das pessoas, a democratização efetiva ao acesso ainda é pequena. Muitos lares brasileiros possuem aparelhos televisivos, mas isso não significa que nesses lares há o devido acompanhamento e uma correta orientação para sua utilização.

Observamos que a necessidade de atender às exigências do mundo moderno resulta na falta de tempo e na ausência da família na formação da criança, que, muitas vezes, encontra na televisão sua referência de aprendizagem para saber como lidar com o mundo, ou seja, a TV faz o papel de educar essas crianças. Para completar o quadro, existe a dificuldade dos profissionais de educação, que geralmente se anulam frente às dificuldades e desafios propostos pelos alunos que vivenciam a televisão e o resultado desse conjunto de elementos é a carência de embasamento crítico por parte das crianças, que as levam a assistirem aos mais diversos tipos de programas, podendo sofrer, indubitavelmente em sua educação, influências negativas destas programações midiáticas.

Mediante esses acontecimentos, famílias, educadores e demais membros da sociedade julgam a TV como a única responsável pela má formação de nossas crianças. Assim, frente aos inúmeros fatores que competem com a escola, dentre eles a televisão, o que propomos nesse estudo são mudanças sérias na prática pedagógica dos professores com o intuito de atrair a atenção dos alunos frente a esse novo desafio de educar com a TV.

Pensando nisso, partimos do pressuposto de que a utilização sem o entendimento, sem a compreensão crítica gera influências negativas no cotidiano dos alunos e, com isso, seu crescimento, moral e intelectual, poderá ser comprometido. Portanto, deve-se tomar cuidado com qualquer aparelho que exerça influência sobre o comportamento de indivíduos. Principalmente a televisão, pois está posto que seu grande poder de penetração social e persuasão resultam em uma grande participação na própria formação do ser humano.

Nesse contexto onde a mídias se destacam como potente meio de difusão de informações, cabe à escola, na figura do professor, integrá-las ao processo educacional.

Sabemos que a presença dos meios de comunicação em nosso cotidiano é crescente. Os autores Alvetti et all. (2005 p. 25) nos informam que no Brasil, é a televisão que exerce maior influência, e as discussões a respeito ora abordam



efeitos negativos, ora positivos. Para eles, as teorias acerca da temática têm explicado que não é só a televisão que influencia na formação do olhar para o mundo da criança. Também outras mediações são importantes, como a família, a escola e os amigos. A influência da televisão acontece a partir da relação que os receptores estabelecem com o meio em seu dia a dia. Partido dessa idéia, Fusari (1985, p.22), destacam que:

A educação de espectadores críticos, cuidando da educação do olhar, é urgente que ocorra tanto com educadores, pedagogos, quanto com educandos. E isso não significa, conforme explica, censurar ou regulamentar o que é oferecido ao olhar do espectador, mas a aprendizagem do espectador quanto ao que olhar, ao que escolher e como escolher. O receptor dos meios de comunicação tem sua maneira de receber mensagens, mediada por determinantes sociológicos, tais como a sociedade em que vive, a família da qual é membro, as relações sociais que praticam.

Quer dizer, Fusari defende que a televisão, ou melhor, sua programação é fruto e espelho de nossa sociedade, pois à medida que conseguirmos formar telespectadores mais atentos e críticos quanto à programação televisiva, acompanharemos essa demanda, e, assim, mudaremos sua forma.

A importância em trabalhar a TV com as crianças parte da preocupação com a formação da moralidade. É correto que as mídias não oferecem, apenas, informações e influências negativas, mas devemos pensar que a construção da moral na criança acontece na infância, e sendo esta bem assistida, construiremos sujeitos que irão contribuir para o desenvolvimento de nossa sociedade. Portanto, temos que nos atentar quanto aos veículos de informações que possam contribuir negativamente nesta construção. Pirola (2006, p. 54 ), ressalta que

A formação moral da criança é uma preocupação que se deve ter, pois ela é responsável pela melhor relação entre professor, família e escola. Não adianta se investe em cursos de capacitação se não promovermos uma boa educação moral para as crianças de hoje.

Quando propomos discutir acerca dos desafios do professor educar frente às influências televisivas, não temos o propósito de apresentarmos “fórmulas prontas” de como o educador deverá agir em determinada situação de desconforto frente aos

desafios lançados pelos alunos. O que propomos é uma mediação crítico-reflexiva, tendo o professor como o problematizador, cabendo-lhes o papel de escutar a criança, suas questões, opiniões e comentários, ajudá-las a organizar as ideias, problematizando seu conhecimento. Para isso pensamos ser necessário que o professor melhore sua prática, refletindo e tornando-se um profissional engajado no processo de modernização. Santiago (2007, p. 01) sugere que:

A escola (en)foque o mundo audiovisual, faça da TV objeto de estudo, conheça-lhe linguagem, programação, condições de produção e de recepção e a incorpore pedagogicamente, estimulando competências, não para simplesmente ler, interpretar, mas para compreender meios e mensagens audiovisuais que os jovens consomem e com que se envolvem afetivamente. Inclusive quando se utiliza programas televisivos não originariamente produzidos para ensinar, introduzindo-lhes intenções pedagógicas, determinando as funções dos programas de TV/vídeo nas atividades escolares. Eis o valor da mediação.

Santiago (2007, p. 03) ainda nos apresenta algumas estratégias de como trabalhar com e para a TV em sala, dando sugestões, tais como:

Faça-os comparar a "realidade da telinha" com o cotidiano deles. Grave trechos de programas para análise. Tire o som das novelas e peça para os alunos criarem os diálogos. As aulas vão ficar mais interessantes. Ajude-os a selecionar o que ver na TV, para enriquecer sua formação. E acompanhe as boas práticas com os programas da TV Escola.

Mediante o exposto, compreende-se que a função do professor-mediador, na experiência televisiva, se aproxima a de um intérprete dos sonhos estimulados pela televisão. A proposta dada por Santiago importa-nos por considerar que nos dediquemos a "desmanchar" os materiais televisivos, levando a nossa prática pedagógica a diferentes formas de agir, sentir, atribuir valores e assim por diante. Isso tudo com o intuito de trazer professores, crianças, adolescentes e jovens para uma tarefa de leitura criteriosa da esfera cultural, tarefa que certamente inclui o debate a respeito das formas de controle da sociedade civil sobre aquilo que é produzido e veiculado pela televisão. A autora acredita que o trabalho pedagógico insere-se justamente aí, na tarefa de discriminação do conteúdos televisivos que educadores e estudantes precisam exercitar cotidianamente em sua prática

pedagógica.

Entendemos que a televisão possui suas contribuições tanto negativas, quanto positivas e que seu grau de influência varia de acordo com o modo como deixamos que ela opere em nossas vidas. Portanto, devemos pensar que nem tudo o que a TV apresenta faz referência com nossa vida e tendo a mídia, como um de seus papéis, manipular formas de pensar, devemos ficar atentos para o que nos é ofertado pelas mídias, pois, ao contrário do que alguns pensam, a TV nem sempre retrata “a vida como ela é”...

Diante desses aspectos, percebemos que a televisão pode ser um instrumento para os educadores, pois a mesma se classifica como um velho conhecido da criança, que, na grande maioria dos casos, quando ela chega à escola já traz em sua bagagem um conhecimento que adquiriu em casa através da TV, e com a assídua exposição, assimilam o que assistem, sem um devido acompanhamento prévio. Nessa perspectiva, Pirola (2006, p. 71) entende que

Os educadores precisam reconhecer e compreender, que uma escola que não acrescenta, em sua dimensão educacional, a análise e utilização da TV como ferramenta que possa contribuir para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e físico do aluno está sujeita a se perder na era da tecnologia. A escola precisa estar junto com o aluno, nesse processo de entender os signos, e ultrapassar o nível da consciência ingênua e atinja o nível da consciência crítica.

A televisão não é simplesmente uma divulgadora de conteúdos que pode complementar o trabalho do professor, porque ela também é veiculadora de diferentes culturas, promove a socialização e aproxima povos. O professor deve transformar a TV, que é vista pelos alunos como lazer, como fonte de estudo e aprendizagem.

A linguagem da TV, muitas vezes, tem produzido em seu público uma visão fragmentada da realidade. Como consequência, já tomou forma e apresenta um tipo de conhecimento que, na maioria das vezes, torna-se descontextualizado, indiferente, individualizado. Com efeito,

Esse perfil opõe-se ao da cultura de educação tradicional, organizada, estruturada, coerente, sempre exigindo e cobrando contextualização – ainda que limitada em conhecimentos e mais ainda em informação. (MAGALDI, 2007, p. 4).

A relação entre o novo tipo de conhecimento e a cultura da educação tradicional existe e se distancia na escola. É nessa perspectiva ousada, mas não utópica, que cabe colocar nossos esforços de tornar a TV um objeto de estudo na escola, e, para tanto, formar professores para um mundo onde é importante compreender as mídias em todos os seus aspectos e dimensões.

Para Toledo (2008) os pais e os educadores deveriam ter um papel ativo, enquanto vigilantes e mediadores das escolhas de programação das crianças, no intuito de esclarecê-las e ajudá-las a formarem o seu senso crítico. Especificamente para a escola do contexto atual, este é um dos maiores desafios: levar os seus alunos a se posicionarem criticamente perante os fenômenos da comunicação de massa, o que implica qualificar os alunos para o domínio das discussões presentes na mídia, pois é preciso fazer com que o aluno que seja capaz de identificar uma mensagem exibida pela mídia televisiva e que consiga decodificá-la, sendo este um dos desafios da escola na contemporaneidade. Diante dessas expectativas, Santiago (2007, p. 02) nos apresenta que:

Para realizarmos um trabalho pedagógico coerente com as exigências destes tempos, é necessário nos voltarmos justamente para o estudo da mídia (e da publicidade, de modo particular) como lugar por excelência da produção de sentidos na sociedade.

Baseando-nos na ideia de que a escola esteja inserida num contexto onde as novas formas de conhecimento estejam tomando o lugar do ensino tradicional, Magaldi (2007, p. 1) completa que cada professor precisa reconhecer a necessidade de melhorar sua qualificação enquanto telespectador, além de mobilizar-se para superar o nível superficial do gosto / não gosto em relação à TV, construindo, pouco a pouco, um novo saber e um novo nível de relação consciente com ela. Buscar os porquês de suas preferências. Cabe ir um pouco mais fundo: perguntar o que são, como atuam e o que esperam desses conteúdos e formas, dessas imagens, sons e textos, que vão formatando nossas subjetividades. A autora nos revela que devemos

evitar esses equívocos para que nosso trabalho possa fluir da melhor forma.

Segundo Ferrés (1996), educar na televisão consiste em transformar a TV em objeto ou matéria de estudo, “educar na linguagem audiovisual, ensinar os mecanismos técnicos e econômicos de funcionamento do meio, oferecer orientação e recursos para análise crítica dos programas”; desta forma, transformará o educando em um sujeito crítico e consciente da realidade social e humana.

Não há como viver uma democracia decente dos meios de comunicação se a escola não participa e nem se apropria das novas produções culturais do mundo moderno. Para que isso ocorra, Magaldi (2007, p. 1) observa que temos que descartar o equívoco da adoção de um comportamento anti-TV ou mesmo conselhos sobre o tempo gasto diante da telinha, que seria saudável limitar. Embora muitos professores já tenham compreendido que, pouco ou nada, resulta de proveitoso, ainda é preciso insistir: pode-se gostar mais ou gostar menos ou desgostar do que a TV representa nas nossas vidas e de como ela se tornou participante de nosso trabalho; o que não se pode, indiscutivelmente, é ignorar a TV e como ela nos afeta, nem ignorar que ela nos captura através de estímulos sensoriais e emocionais, antes de qualquer coisa. Segundo as contribuições de Freire (1996), na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. Para o autor, a reflexão sobre a prática pedagógica de hoje ou de ontem que irá direcionar a prática de amanhã.

Para o professor que não pretende assumir uma postura conservadora, é de fundamental importância que ele busque uma reflexão, desde o processo de sua formação, reflexões críticas acerca da prática pedagógica. Assim, seremos caracterizados como sujeitos que fazem parte de uma formação continuada, profissionais em permanente formação, que está sempre modificando sua prática.

Enquanto educadores, inseridos num sistema formal de educação, temos por objetivo básico que nossos alunos conquistem e exerçam a autonomia, a criticidade, a cidadania. Mas como atingir tais objetivos se os fatos do dia-a-dia de nossos alunos – estando aí incluída a novela, a propaganda, o filme – não são problematizados na escola, o locus propício para a análise e discussão do que vivenciam fora dela. (BONILLA, 2001, p.47).

A discussão que se faz em torno da diversidade de programas exibidos pela TV deve basear-se na postura que a escola irá tomar para trabalhar essa diversidade, sem ter que estereotipar esse ou aquele programa que está sendo exibido. Para tanto, os professores devem estar preparados para as dificuldades que vão encontrar ao trabalhar as diferentes visões de mundo, valores, hábitos, mensurados na escola.

Ter as tecnologias como um dos principais atores neste processo faz com que sejamos convidados a ter um maior conhecimento sobre as mesmas para não criarmos conceitos comuns e simplórios, que não nos trarão os objetivos desejados, que almejam uma escola cujo papel seja o de educar com as novas propostas, incluindo as mídias e as questões relacionadas às representações sociais, que estão presentes quando se fala em educar sujeitos.

Pereira (1998) compreende que a mediação acontece a partir de situações de interação. Em termos gerais, defini-la como o processo através do qual os pais e outros significativos ajudam as crianças a decodificarem e a compreenderem as complexidades do meio físico e social para serem capazes de se fazerem compreendidos por essas crianças nos diferentes níveis de desenvolvimento. Portanto, a autora considera a mediação como o “construir pontes” entre o que a criança sabe e a nova informação que deseja apreender. Sabemos que dentre os significativos que foram citados pela autora está, certamente, o professor.

Compreendemos que mesmo diante de todas as modificações sofridas pela sociedade, o professor ainda se apresenta como importante figura no contexto de seus alunos. Necessitamos de professores que consigam fazerem-se vistos em sala de aula, mesmo com todos os atrativos eletrônicos trazidos pelo avanço da sociedade, mas sem impor uma visão maniqueísta da televisão e de suas influências. Neste caso, o professor, terá exercido bem o seu papel de mediador. Segundo Pereira (2008, p. 12):

É indispensável que os meios de comunicação social, e neste caso concreto a televisão, sigam as normas éticas, de ontológicas e

jurídicas para que as suas funções sociais sejam realizadas de forma positiva. Todavia, atendendo ao ambiente de liberdade e de competição existentes ao nível dos meios de comunicação social, e a que a lógica dominante, nomeadamente na televisão, é a captação de audiências, consideramos que a mediação dos conteúdos dos medias, através do acompanhamento e do diálogo, por parte de adultos significativos para as crianças, pode ter um carácter decisivo na forma como elas se apropriam e usam a televisão.

Discute-se que o professor apresenta dificuldades em provocar situações que levem o aluno a realizar questionamentos dos conteúdos da televisão, a decodificar as mensagens reproduzidas por ela, só que, muitas vezes, isso acontece porque eles não foram ou não são capacitados com uma proposta pedagógica que contemple essas habilidades. Propomos a discussão e atualização do currículo desses profissionais que são formados para trabalhar com esses novos jovens, pois, muitas vezes seus currículos estão ultrapassados e defasados. Percebemos a necessidade de mudanças para que a escola se torne um ambiente atrativo e estimulante como um resultado de uma série de modificações na dinâmica da educação. Portanto, é necessário que os profissionais de educação sejam mais preparados para atuar, de maneira responsável, com seus alunos, e assim conseguirem realizar um bom trabalho.

Rogoff (1993 apud PERREIRA, 1998) aponta que os processos de mediação são responsáveis por facilitar e promover o conhecimento e a aprendizagem da criança, na medida em que constituem para ela guia, apoio, direção, estímulo. Pereira (1998) ainda completa que através da mediação, a criança, com a ajuda dos outros presentes (como a família, o professor), terá um melhor conhecimento e será capaz de selecionar, interpretar, criticar, complementar, contradizer, transformar, organizar, estruturar as informações provenientes do meio envolvente (inclusive do meio televisivo), permitindo-lhe, assim, abordar, com mais eficiência, os assuntos da vida quotidiana. Essa mediação, tão discutida pela autora, para acontecer precisa de uma reestruturação do ambiente e das práticas escolares.

Dentre as dificuldades enfrentadas pelo professor, na busca por êxito no processo de mediação com os alunos, citamos o poder que a televisão exerce sobre os mesmos. Através da linguagem e dos programas adaptados às diferentes faixas

etárias, a TV, muitas vezes, torna-se mais atraente e interessante do que a escola que desconsidera o currículo do aluno, seus processos de formação e suas experiências de vida. A resposta para o problema não consiste na disputa travada entre o professor e a TV, pois isso acarretará em um maior distanciamento entre o professor e o aluno.

Pensando nisso, Moran (2007, p. 03) nos afirma que:

A TV fala da vida presente, dos problemas afetivos – a fala da escola é muito distante e intelectualizada - e fala de forma importante e sedutora – a escola em geral é mais cansativa [...].

Assim, a TV torna-se mais eficiente em educar que a escola, pois os recursos (linguísticos) da TV são mais eficientes que os empregados pela escola no processo educativo.

Diante dessa realidade, uma pergunta surge: “Quem educa quem nesse processo?” É a escola – que se propõe a isso, mas não faz adaptações para tornar o ensino significativo, que apresenta um alto índice de evasão de seus alunos e cujo processo de ensino-aprendizagem possui problemas crônicos de longas datas? Ou é a TV – apresentando aquilo que os alunos querem ver e que tem significado para eles, que possui uma linguagem elaborada e eficiente que prende a atenção de seus telespectadores? Enquanto as tecnologias, especialmente a TV, ficam à margem do processo educativo, nossas escolas continuam formando cidadãos despreparados para o convívio nesta sociedade imersa em tecnologias, gerando assim um contingente humano de excluídos que dificilmente encontrarão espaço neste mundo globalizado e competitivo em todos os setores.

Essas interrogações têm o propósito de nos inquietar, nos chamando para a responsabilidade de respondermos se iremos permanecer indiferentes às tais dificuldades e se os desafios apresentados, quando se fala em educar com a televisão, falarão mais alto que nosso desejo de mudança.

A sala de aula é o ambiente onde quem deve conduzir as relações é o professor juntamente com seus alunos, tendo os demais componentes como



complemento de suas atividades. Sendo assim, o professor deve estar sempre atento às formas como a televisão afeta o comportamento dos seus alunos, utilizando a riqueza deste meio de comunicação como elemento propulsor na busca de novas alternativas para a sua prática, seja na docência, seja na pesquisa.

Diante dos movimentos para integrar a TV a sala de aula e fazer com que ela seja trabalhada com os alunos, Magaldi (2001, p. 03), compreende que:

Quanto às indagações e pressões de alunos, querendo manifestações do professor sobre programas assistidos, cujos heróis e vilões, algozes e vítimas provocam discussões acaloradas, já será uma novidade positiva que o professor conheça os programas que estão alimentando seus alunos. Que os tenha assistido, com atenção, algumas vezes. Assim, poderá conversar com os alunos sobre eles, poderá identificar a leitura que fazem deles, e seus principais equívocos. A ferramenta principal não será corrigir, desmentir, discordar. A ferramenta básica é perguntar: conversar perguntando, perguntar conversando. Ouvir as respostas, valorizá-las e perguntar sobre elas. Se for oportuno, o professor pode programar numa das aulas a exibição de um fragmento do programa, para um trabalho análogo ao que realizamos no curso-oficina – naturalmente simplificado e adaptado à faixa etária e a outras circunstâncias.

É notável a necessidade de uma educação participativa com a escola e a família, onde a educação escolar deve dar um significado ao uso dos recursos visuais. Marcondes Filho (1988) nos traz que pesquisar quais os mecanismos que a TV aciona para incentivar o aluno, e tentar instituí-los nas atividades em sala de aula seria uma alternativa e, desta forma, a televisão não será usada como “tapa-buracos” apenas com o intuito de substituir alguma atividade que não foi programada, podendo ser ponto de partida para discussões relevantes para o aprendizado.

Vale ressaltar que a televisão deve ser levada a sério. O professor deve participar conjuntamente com os alunos das discussões que serão feitas, a partir da visualização de vídeos que são exibidos na mídia auxiliando, onde for preciso, para a formação dos mesmos. Devem-se apresentar os vídeos, falar de como se dá o seu processo de criação, explorar as cenas, imagens e diálogos apresentados, fazê-los refletir de acordo com o tipo de intenção que está por trás do vídeo trabalhado.

Essas seriam algumas sugestões de como explorar a TV em nosso cotidiano escolar.

Alguns professores ignoram ou descartam o uso da televisão em suas aulas, pois acreditam que seus conteúdos são carregados de influências negativas, por isso reduzem-na inviabilizando a discussão de seus conteúdos. Esta não seria uma atitude adequada, cabe ao professor explorar o processo de criação do vídeo, levando os alunos a entenderem como se dá tal processo, para, assim, eles refletirem em cima do que é proposto pela mídia.

Para Ferrés (1996, p. 59):

Educar com a televisão significa adicionar a televisão à sala de aula não como forma de aumentar o seu consumo, mas de melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Por fim, essas dimensões são complementares, pois “quanto mais se educa com o meio, mais se educará no meio”.

Ferrés (1996) nos chama para reflexão de que nada adianta descartar a televisão, pois esta seria uma disputa onde não teríamos sucesso. O que devemos fazer é trazê-la e utilizá-la como nossa aliada. Estudar a TV em sala causaria muito mais impacto para a educação do que, simplesmente, continuarmos a conduzir nossas aulas baseando-nos em conteúdos programáticos de livros, em sua maioria, defasados. Quando o autor propõe que se eduque com o meio, ou seja, com todos os aparatos atrativos e informações existentes nele, assim, pouco dificultará a execução de uma educação para o meio e as influências passarão a serem bem recebidas.

Outro ponto que, nós professores, deveríamos tratar e que é pouco discutido em sala de aula é acerca da leitura de imagem, pois geralmente são pontuadas apenas leituras textuais, deixando um grande *deficit* na formação dessas crianças. É preciso que ensinem as crianças que as intenções que determinadas informações querem passar com aquelas imagens. Santiago (2007, p. 01) nos mostra que:

Elaborar estratégias para que a escola contribua com o

desenvolvimento da competência de analisar dos jovens, permitindo que eles compreendam e interpretem de forma crítica a avalanche de imagens à qual estão expostos, é uma questão urgente que exige criatividade, ousadia e experimentação.

A passividade de alguns profissionais de educação diante deste aspecto causa uma lacuna na formação das crianças para utilização da televisão . O que não é de se espantar, afinal, esses professores pouco viram em sua formação sobre essas novas práticas ligadas à tecnologia e, por conta disso, muitas vezes, se sentem constrangidos quando alguma criança sabe mais do que eles. Esse é um dos resquícios de uma formação em que os professores “têm” que saber mais que o aluno, uma formação diretiva, para ser mais precisa, o que leva a um grande prejuízo para a educação. Esquecemos que o contato entre o aluno e o professor deve ser estabelecido visando à construção conjunta do conhecimento.

A sociedade contemporânea exige hoje uma formação continuada, exige que o professor seja pesquisador e que haja uma troca constante entre ele e o aluno, contando com o fato de que o aluno já experimentou vivências diversificadas e não chega à escola como uma “folha em branco”.

A construção da criticidade da criança proporciona para ela, frente à televisão, experiências diversificadas, com a programação considerada muitas vezes, imprópria para sua idade. Mas será que essa programação é mesmo imprópria, na atualidade? Afinal, existem, de fato, programas não educativos? Ou o que a mídia oferece faz parte das exigências e da cultura dos povos na contemporaneidade? A caracterização acerca dos programas como sendo educativos ou não, seria uma discussão para ser feita em outro momento. Mas o que queremos chamar atenção é para o foco que é dado a estes programas. Antes de rotulá-los e estereotipá-los devemos desenvolver em nossas crianças a criticidade para que elas saibam discernir e refletir sobre a imagem que veem da leitura que estão fazendo.

A problemática surge quando passamos a conceituar este ou aquele programa como sendo bom para os alunos. Educativo seria tudo que estivesse seguindo os modelos tradicionais de ensino, todas as outras coisas que não se encaixem nesse modelo serão ditas como não educativas.

Por isso, julgar determinados programas como sendo educativos ou não educativos termina sendo algo que está subjugado à cultura da qual fazemos parte, ou seja, está inserido no contexto de uma educação tradicional. Devemos abordar a relação educação-televisão a partir de três perspectivas complementares: educação para uso seletivo da TV; educação com a TV; educação pela TV. O consumo seletivo e crítico da TV objetiva desenvolver a competência dos alunos para analisar, ler com criticidade e criativamente os programas. Na educação com a televisão se utilizam programas como estratégia pedagógica para motivar aprendizados, despertar interesses, problematizar conteúdos. E educar pela televisão significa comprometer emissoras a ofertar mais e melhores programas ao público infanto-juvenil.

A televisão é apenas um aparelho eletrônico, quem a constroi somos nós, partindo da exigência e apelos da sociedade. Enquanto reproduzimos seres incapazes de reflexão, estaremos reféns destes aparelhos. Tavola (1998) nos propõe que realizemos reflexões sobre a importância de uma leitura crítica e uma ação, no sentido de se possa compreender o quanto a TV pode fazer nessa área. Infelizmente, temos assistido a um processo de adulteração dos horários da TV, em que os próprios programas infantis hoje existentes nada buscam a não ser formar consumidores infantis posto que seus apresentadores estão envolvidos na indústria de consumo, sem a mínima preocupação com a cultura do país.

Observamos, portanto, a importância “do lidar” com o aparelho televisivo. Távora – além de fazer um apontamento a respeito da forma de organização da nossa sociedade, isto é, seu caráter capitalista voltado para a exaltação sem limites do consumo – nos chama a atenção para a televisão como um meio de propagação e reprodução desse sistema. Assim, nunca é demais a afirmação da necessidade de prepararmos os educadores para assim prepararmos nossas crianças para lidar com o desafio do mundo capitalista.

Por fim, o professor tem a vantagem de ser um meio de comunicação parcial, podendo utilizar a TV como um recurso didático, pois a comunicação direta entre o professor e seus alunos é capaz de mudanças radicais, de formar posturas

convictas, de direcionar ou influenciar os mecanismos de decisão e de ação do sujeito. Mas, apesar de poder ser mais instigante que a própria televisão, o educador deve aliar seu método ensino-aprendizagem à realidade dos alunos, fazendo com que a TV e outros recursos tecnológicos façam parte do ensino em sala de aula, e alertando-lhes para o despertar de um senso-crítico e de uma vivência saudável diante dos poderes da mídia.

## 4 O DESENHO ANIMADO NO COTIDIANO INFANTIL

Quando nos dispomos a tratar da relação mídia-criança-educação, temos como agentes intermediadores, educadores, pais, psicólogos, empresários da comunicação, publicitários e sociedade em geral, pois essa tríade, como geralmente é denominada, representa uma problemática que se arrasta desde a introdução da TV no cenário brasileiro até os dias atuais.

Pesquisas realizadas mostram que ver TV é um hábito que consome, em média, de 4 a 5 horas diárias da vida das nossas crianças. Para Santiago (2007, p. 01) “essa 'ladra do tempo', para o bem ou para o mal, veio para ficar”. Não há como ignorá-la: ela dita padrões de comportamento, lança modas e gírias, cria hábitos de consumo, molda a opinião pública, estabelece padrões morais e estéticos, influencia o gosto musical, dissemina valores e crenças, alimenta mitos. Essas constatações trazidas pela autora nos permitem compreender que a TV, influencia sim na construção dos sujeitos; negá-la seria impossibilitarmos-nos de avaliá-la.

Sabemos e muitas vezes permitimos que nosso cotidiano seja alterado em razão da influência que a mídia provoca em nosso imaginário. O que acontece é que com as crianças essas influências podem acarretar em consequências mais graves. Um adulto, desde que tenha sido bem alicerçado, pode fazer reflexões, expressar opiniões que amenizam qualquer má informação que a mídia possa ofertar. No caso das crianças, o que observamos são situações em que elas não possuem maturidade para reagir quanto ao programa que está sendo exibido.

O imaginário infantil tem, nos últimos tempos, sido invadido pela diversidade de informações oferecidas pelos meios de comunicações visuais. Muitas vezes, esses recursos, em especial a televisão, são utilizados como “tapa-buracos”, com o objetivo de preencher o tempo “ocioso” do mundo infantil. Segundo estudo realizado por Soifer (1992, p. 11):

Um alto percentual de crianças enfrenta-se com a televisão desde o nascimento, e é bastante comum o hábito de utilizá-la como “babá

eletrônica”. Na verdade, coloca-se o bebê, desde o segundo mês de vida, diante do espelho ligado, na crença de que assim ele se tranquilizará. Ele é colocado numa cadeirinha reclinada, o chamado “bebê conforto”, na qual permanece preso e precariamente sustentado.

O aprendizado infantil, muitas vezes, se dá através do jogo simbólico, com imitação da realidade ou do mundo imaginário, além da submissão aos superiores, como família e responsáveis ou, também, da relação direta com a realidade vivida por eles. Soifer (1992, p. 26) explica que a “identificação projetiva favorece a persistência da imitação e, portanto, limita as possibilidades de aprendizagem por identificação. Consequentemente, entre as crianças que assistem à televisão, de forma prolongada e diária, apresentam dificuldades escolares bastante sérias”. A autora afirma que “isso se deve à deficiente organização intelectual, tanto no que diz respeito à atenção, que é dispersa, quanto à concentração, à memória e à reprodução”.

A preocupação que temos em torno dos programas exibidos na telinha se acentua devido a crescente prática de crianças assistirem à televisão. É perceptível que a televisão, por estar dentro de casa, possibilita o acesso a ela a qualquer momento, além de ser frequente que se tenha o monitor ligado grande parte do dia ou o dia inteiro. Nossas crianças podem ser influenciadas por outras formas de disseminação de informação, mas a quantidade de horas destinada para ver TV é muito maior que as destinadas a outros meios de informação.

Dentre os programas televisivos exibidos diariamente, os preferidos das crianças são os desenhos animados. Além de possuírem todos os atrativos que os demais programas apresentam, os desenhos animados são capazes de tocar no imaginário das crianças, pois além das cores, sons, animações, muitas vezes, adequam-se à linguagem infantil. Pensando nisso e partindo do pressuposto da vulnerabilidade em que as crianças deste século encontram-se, pais e responsáveis precisam verificar o conteúdo dos desenhos sobre os quais essas crianças estão submetidas.

Já está mais que comprovado que alguns desenhos possuem em seus conteúdos linguagens inadequadas e imagens impróprias para crianças. A

reprodução repetitiva de imagens faz com que a absorção do que nos foi apresentado aconteça. Em alguns desenhos, a violência e outros comportamentos inadequados são vistos como algo engraçado e permitido. Uma criança que não possua compreensão pode terminar sendo mal influenciada. A solução não é o descarte da TV no ambiente infantil, o que se pretende é que propicie às crianças uma oportunidade para o desenvolvimento da criticidade e reflexão que podem ser ofertadas pela escola e pela conscientização dos pais e responsáveis.

A programação infantil, principalmente o desenho animado, possibilita o desenvolvimento da cognição através do jogo simbólico, pois alimenta o imaginário infantil com tantos contos e fantasias. Além disso, os programas infantis são usados, na maioria das vezes, como forma de minimizar o tempo vago das crianças. Em contrapartida, a televisão dificulta as relações diretas, como afirma Ferrés (1996), ao entender que:

A televisão dificulta, em princípio, a experiência direta, mas tem autoridade e torna-se atraente, sendo assim um instrumento eficiente de penetração cultural ao potencializar, por intermédio desses meios o aprendizado de conhecimento e de comportamento. (FERRÉS, 1996, p. 57).

Tal citação ratifica o fato de que o poder de atração da televisão acaba minimizando as relações entre a criança e o mundo real. Muitas vezes, as crianças acabam perdendo a naturalidade infantil para reproduzir apenas fatos ocorridos em programas televisivos, intensificando a penetração cultural pelos meios de comunicações visuais.

A interação entre a criança e a televisão é intensa, por isso, o poder de penetração da cultura através da TV, que já é potencializado, pode ser multiplicado devido às características próprias da percepção infantil. O mundo infantil é provido de poucas experiências prévias, não possuindo, desta forma, uma ideologia, pois têm poucos valores assumidos; eles não possuem a moral construída.

Segundo Branco (2003) as regras e os valores são concebidos como entidades absolutas, que emanam de uma autoridade adulta. Essa citação confirma a grande influência estabelecida na relação entre adultos e crianças, e conseqüentemente, a



televisão possui o mesmo poder. Com isso, a criança fica muito mais vulnerável às manipulações ideológicas do que um adulto que já possui autonomia e conhece (ou pelo menos se espera) as regras morais.

Considerando que o poder de atração das comunicações visuais, especificamente a televisão, facilita a manipulação do imaginário infantil. É notável que hoje muitas crianças substituem as brincadeiras infantis tradicionais, como cantigas de roda, amarelinha, pião, para uma intensa exposição dos recursos televisivos. Percebemos que a presença da televisão na infância é reconhecida como uma atividade de lazer, chegando a concorrer com as brincadeiras infantis que para muitos tornou-se a única fonte de entretenimento.

Desta forma, por conta do jogo simbólico, a imitação dos apresentadores dos programas, de atores e outros “famosos”, dos heróis e personagens de desenhos animados, tornaram-se uma constante. Nessa imitação é visível grande influência da mídia na vida das crianças. Percebe-se uma uniformização no comportamento e nos padrões estéticos em que o consumo, a moda e a beleza são supervalorizados. Com isso, as crianças crescem com um estereótipo formado por concepções nem sempre ideal.

As crianças foram deixando as “peladas”, as brincadeiras de rua e foram se rendendo aos “encantos” da televisão. Entre outros fatores, podemos dizer que esses encantos fazem com que as crianças passem boa parte do tempo diante da TV. Com toda a influência desse meio de comunicação mudaram-se os costumes e o cotidiano dos lares. Esse comportamento, diante dos recursos visuais, gera um novo conceito de infância que, segundo Giroux (1995), é resultado das sucessivas mudanças na sociedade, principalmente no aspecto tecnológico, já que as crianças são educadas com a influência dos meios de comunicação visuais.

A postura dos pais com relação a inserção da televisão no cotidiano dos filhos é produto da sociedade em que vivemos. Contudo, a dinâmica de divisão das tarefas modificou a estrutura familiar que se constitui de pais e mães com tarefas diárias fora de casa.

Mendonça, Mendes e Souza (2007) defendem que o que vemos é que essa estruturação de papéis mudou e cada vez mais a mulher se insere nos diversos ramos de trabalhos na sociedade. Com isso, os filhos passam mais tempo sem a presença dos pais e diante da televisão. A TV incumbe-se no papel de “babá-eletrônica”, completa as autoras.

Pacheco (1985) ressalta que a TV é responsável por condicionar a rotina das crianças e de seus familiares, funcionando ora como babá-eletrônica ora como pano de fundo para as conversas entre amigos, ora como convidada assídua das refeições, ora como convite ao silêncio familiar, mas sempre ligada. O autor defende que a televisão direta ou indiretamente já faz parte do cotidiano dos indivíduos. Com isso, os pais, muitas vezes, depositam suas expectativas acreditando na qualidade dos programas e na competência das emissoras de TV, pois não sabem como lidar com os filhos diante da realidade televisiva, por estarem cada vez mais distantes devido ao trabalho, enquanto seus filhos desenvolvem linguagens e estruturas interpretativas próprias do ambiente midiático. E é nesse ambiente que os programas televisivos encontram espaço para “educar” nossas crianças, realizando um trabalho que seria dos pais e da escola.

Devemos redobrar nossa atenção e expandir nossas reflexões diante do papel que a mídia televisiva exerce em nosso meio e pensarmos até que ponto o espaço cedido a ela é conveniente para nós e, principalmente, para as crianças que são sujeitos ainda em construção.

A interação entre a televisão e a vida das crianças deve ser feita conjuntamente entre a escola e a família. A família deve proporcionar um ambiente adequado para o uso da televisão, considerando que a maioria do tempo ocioso se passa em casa. Já a escola tem maior responsabilidade por estar comprometida com a formação do educando.

Muitos são os motivos que levam os pais a tomarem tal postura. Soifer (1992, p. 12), informa que existem famílias que “incentivam seus filhos pequenos a ver diariamente determinados programas, porque consideram que desta forma “tem assunto para conversar com seus amiguinhos”. A autora ainda completa que “em

geral, tratarão de histórias truculentas e de heróis imbatíveis e malignos”. Esta informação nos chama para refletir na forma como estamos construindo nossas relações pessoais. Não podemos permitir que a TV seja a principal responsável pela dinâmica de nossas vidas.

E o que fazer? Como trabalhar os desenhos, os programas, os filmes, ou seja, as produções televisivas com as crianças? A responsabilidade é da escola ou da família? Tais questionamentos representam a dificuldade de lidar com o uso adequado da televisão para a educação infantil, já que as crianças ficam, muitas vezes, à mercê da manipulação televisiva. Não permitir que as crianças fiquem acordadas até tarde da noite, pois estão sujeitas a assistirem a programas de adulto, provocando uma diminuição do tempo de sono, além da exposição da criança a cenas eróticas na TV, seria uma estratégia para amenizar a exposição das crianças diante de programas inadequados a sua faixa etária.

Entendemos que a televisão, devido aos impactos gerados por sua abrangência geográfica e sua real capacidade e entreter os telespectadores, cujos diversos públicos ocupam lugares e interesses divergentes, é o principal alvo das discussões de pesquisadores. O intuito da discussão deste capítulo é referente às preferências televisivas manifestadas pelas crianças com o propósito de compreender a interferência da TV na vida social e na vida escolar da criança.

Diante os programas televisivos apresentados para as crianças, citamos os desenhos animados, pois estes detêm, com maior entusiasmo, o fascínio sobre as crianças. Fusari (1985, p. 51) compreende que:

A leitura e interpretação do mundo, realizada pela infância contemporânea, mostra-se como sendo feita então, não mais apenas através da família e da escola, mas, também, através do ambiente urbanizado de habitação e vida, dos grupos de mesma idade e dos media que estão presentes em suas horas livres, em suas ações e representações infantis cotidianas.

Como as crianças são o alvo de nosso estudo, cabe ressaltarmos que não podemos pensar a criança como sujeitos passivos, incapazes de refletir diante dos programas que lhes são oferecidos. Mas também sabemos que eles precisam ser

instruídos e capacitados para conseguirem assimilar tal entendimento. De acordo com Pougy (2005, p. 01)

[...] a criança relaciona-se com a TV do mesmo modo que se relaciona com o que está a sua volta. Para ela, a TV constitui-se em um jogo simbólico, como são as brincadeiras infantis. A criança é receptiva das mensagens veiculadas na TV, ela recria de acordo com suas experiências em um processo de troca de conhecimentos. Ela incorpora o que vê e ouve de maneira criativa, retirando o que lhe interessa naquele momento. É necessário, assim, ressaltar que não se pode negar que a mídia exerce influência na formação desse sujeito ao lado da escola, família, instituições religiosas e a sociedade em geral.

Na visão do autor, pode-se dizer que nada a rigor está acabado ou pronto e que o conhecimento não é dado como algo terminado. O conhecimento se constroi pela interação do indivíduo com o mundo. Com isso, permite ao homem interpretar e reinterpretar esse mundo. Nesse sentido, não é possível para a escola, para a família ou para a sociedade ignorar a influência dos agentes midiáticos.

Em pesquisa realizada em 1979, dentre os 40% de programas infantis oferecidos semanalmente pela televisão paulistana, o gênero *desenho animado* é o que mostrou ocupar quase a metade da carga horária destinada às crianças. Dentre os desenhos mais votados estava o *Pica-Pau*. Essa informação trazida por Fusari (1985) pode ser comprovada nos dias de hoje: uma boa parcela das crianças passam grande parte de seu tempo assistindo aos diversos programas, mas o preferido dessa “galerinha” são os desenhos animados, pois eles “expressam, em sua maioria, os movimentos das coisas, seres, ações, de uma forma exagerada, caricaturada.”

Em 1940, nasce o personagem *Pica-Pau*. Ele entra para o mundo do desenho animado, “como um ser caricato, humorístico, como um personagem vigoroso, atrevido, louco, superdramático, bem-sucedido e dotado de mágica lunática, com aparência grotesca” (FUSARI, 1985, p. 40). Muitos autores consideram o Pica-Pau como um ser perverso, violento, egocêntrico, que pode influenciar negativamente o comportamento infantil.

Outras observações levantadas foram a de que o *Pica-Pau* é considerado pelas crianças como esperto, danado, brincalhão. Os desenhos animados, em sua maioria, remetem aos conteúdos: herói/vencedor; bem/mal; transformação; transgressão da ordem; inexistência da morte; inexistência do tempo e do espaço; prazer pelo fantástico e pelo terror; idade da vida e dos valores; ação e aventura; vitória sobre os inimigos; desejo de vingança; individualismo entre outros (PACHECO, 1985). O conteúdo dos desenhos é um veículo para se trabalhar fatores que envolvem a vida em sociedade, pois trazem fatores importantes para o desenvolvimento infantil.

Acreditamos que ao utilizarmos a mídia, mais especificamente a televisão, como instrumento pedagógico, estaremos ampliando nossa compreensão sobre as formas concretas com que somos informados cotidianamente, as estratégias de construção de sentidos na televisão, os modos como nossas emoções são mobilizadas, ampliando e desenvolvendo consciência crítica sobre a sociedade em geral, os comportamentos, valores, sentimentos, desejos, prazeres, etc. O ato de olhar criticamente para a televisão possibilita-nos ultrapassar as evidências e, assim, poderemos ir além do que nos é dado ver de imediato. (FISCHER, 2002).

As principais características desses desenhos são a linguagem lúdica, pois é mais do que um entretenimento televisivo, eles carregam discursos, seja pelos personagens ou pelas suas aventuras. Há uma dimensão educativa nos desenhos animados (cf. CUNHA, 2005). Os desenhos animados são constituídos de conteúdos diversos e articulados entre si, que possibilitam à criança criar uma rede de relações significativas, que permitem construir e reconstruir seu conhecimento, bem como perceber as diferentes realidades que compõem o mundo que a cerca.

Os desenhos animados são importantes para o desenvolvimento infantil, uma vez que, através deles, a criança possa satisfazer suas necessidades de diversão, medos, aventuras e viver os conflitos de forma imaginária, em um processo de amadurecimento cognitivo e emocional. Cada criança faz sua leitura de uma maneira singular, já que cada um tem seu próprio referencial.

Segundo o LAPIC (Laboratório de Pesquisas sobre a Infância, Imaginário e

Comunicação) que se vincula ao Departamento de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo, a estrutura narrativa e o conteúdo mítico e simbólico dos desenhos animados demonstram constituir um excelente material de uso pedagógico. A principal hipótese que norteou esse estudo (O desenho animado na tevê: mitos, símbolos e metáforas) do Instituto LAPIC (1997) foi que os desenhos animados também reelaboram mitos, símbolos e metáforas que podem atingir a subjetividade das crianças, ajudando-as a solucionar seus conflitos internos através de narrativas que tratam de vida, morte, nascimento, herói arquetípico da princesa, do príncipe encantado, do amor e outros. Esse estudo analisou cinco desenhos animados da preferência infantil: *Pica-Pau*, *Pernalonga*, *a Turma do Pateta*, *O Máskara* e *o Yu Yu Hakusho*.

Por outro lado, os meios de comunicação, na busca incessante de melhores índices de audiência, nem sempre veiculam produções de qualidade, e ainda defendem-se daqueles que denunciam a TV como violenta ou de baixa qualidade, dizendo que “só reproduzem a realidade”. Com interesses próprios de uma empresa privada, os meios de comunicação visam principalmente ao lucro. Suas programações e produção de conteúdos são ditadas pelos índices de audiência, por isso surge a preocupação da reprodução dessas matérias televisivas na vida das crianças.

Leite (2005) ainda ressalta que, diante disso, as instituições educativas precisam discutir a questão da influência dos meios de comunicação na educação do povo brasileiro. A mídia não é o único nem inexorável determinante na formação desses “sujeitos”; ela tem uma ressonância concreta na vida das pessoas e grupos sociais, porque pode responder às suas necessidades, expectativas e desejos.

A criança já é um telespectador assíduo tanto de programações infantis – segundo Carmona (1998), deve receber mais atenção e cuidado por parte dos profissionais da TV, sociedade (pais e professores) e do governo – quanto de outras, como novelas e programação do horário nobre que contém cenas de sexo e violência. Isso é extremamente prejudicial quando se trata da influência que estes programas podem exercer sobre as crianças. Pelo fato de estarem em processo de formação física e psicológica, elas se baseiam no que está ao seu redor para saber

o que deve ou não ser seguido, o que é bom ou ruim.

Santiago (2007) aborda que as mídias não constituiriam apenas uma das fontes básicas de informação e lazer: trata-se bem mais que um lugar extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações, a maioria relacionada a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo, como devemos educar nossos filhos, de que modo deve ser feita nossa alimentação diária, como devem ser vistos por nós, os negros, as mulheres, pessoas das camadas populares, portadores de deficiências, grupos religiosos, partidos políticos e assim por diante.

Torna-se impossível fechar os olhos e negar-se a ver que os espaços da mídia constituem-se também como lugares de formação ao lado da escola, da família, das instituições religiosas. Entendo que a televisão é parte integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significações, de sentidos, os quais, por sua vez, estão relacionados a modos de ser, de pensar, de conhecer o mundo e de se relacionar com a vida.

Várias são as interpretações dadas pelos autores a respeito da influências da televisão no cotidiano infantil. Sabemos que qualquer meio que seja utilizado demasiadamente e sem possibilidades de interação trazem consequências negativas aos indivíduos que as praticam. No entanto, a televisão, além de causar grandes impactos, é um instrumento muito utilizado. Cabe aos responsáveis pelas construções dos programas exibidos a consciência de adequar os programas de acordo com o público ao qual terá como propósito. As crianças são formadas a partir das relações que estabelecem com o meio em que vivem, então devemos proporcionar a elas um ambiente saudável em que possam construir sua moral pautada em vivências enriquecedoras.

Portanto, se temos a compreensão de que a televisão faz parte do cotidiano de nossas crianças do século XXI, todos (professores, família, responsáveis, emissoras) devemos nos preocupar com a formação delas. Não seria descartando o *Pica-Pau* da vida das crianças que o problema será resolvido; a programação vai continuar a existir dentro e fora do ambiente deles. O que devemos propor é uma

participação efetiva dos membros da sociedade na educação de nossas crianças.

Com esse estudo pode-se dizer que nada a rigor está acabado ou pronto e que o conhecimento não é dado como algo terminado. O conhecimento se constroi pela interação do indivíduo com o mundo. Com isso, permite ao homem interpretar e reinterpretar esse mundo. Nesse sentido, não é possível à escola, à família e às demais instituições ignorar a influência dos agentes midiáticos.

Insistimos especificamente em que façam todos os esforços necessários , e se consiga a colaboração de especialistas realmente capacitados no assunto, afim de que os programas infantis tenham conteúdo educativo e formativo, além de um nível recreativo e artístico adequado. (SOIFER, 1992, p. 60)

O que podemos perceber, diante da caracterização de alguns desenhos, é que a compreensão do conteúdo e a influência dos desenhos não é limitada; vai depender do ponto de vista de cada autor que os estuda e do espectador que os vê. Nesse momento, não queremos rotular nenhum desenho, mas despertar o interesse para estudos posteriores sobre os desenhos animados e, principalmente, apontar para a possibilidade de usá-los como recursos midiáticos no âmbito escolar.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das questões que nortearam o desenvolvimento desta pesquisa foi possível refletir sobre a importância e a necessidade da modernização da educação através da integração, no espaço escolar, das novas mídias que emergem com a revolução tecnológica que marcam o atual momento histórico em que vivemos.

Pensar em educação, no século XXI, incita refletir acerca das influências do processo de disseminação da informação, e dessa forma, TV e escola devem estar integradas em busca de uma prática educacional diferenciada que possa ser inserida no mesmo espaço numa relação que vai além da simples concorrência.

Durante todo o texto foi explicitada a ideia de que não cabe mais uma educação calcada em antigos paradigmas, que atue no sentido de reproduzir os valores e saberes disseminados por uma sociedade controlada por uma minoria manipuladora. Entretanto, é preciso que a educação se reconheça como prática social, mediadora das relações humanas, capaz de prover grandes transformações na sociedade em que está inserida. Mesmo sabendo que a construção desses novos paradigmas para a educação não será uma tarefa rápida e fácil, mas lembrando que deverá ser implantada tendo em vista os novos anseios.

As dificuldades apresentadas pelos professores em provocar situações que levem o aluno a realizar questionamentos dos conteúdos da televisão, a decodificar as mensagens reproduzidas por ela, é fruto da falta de capacitação desses profissionais a uma proposta pedagógica que contemple essas habilidades. Propomos a discussão e atualização do currículo desses profissionais que são formados para trabalhar com esses novos jovens, pois, muitas vezes, seus currículos estão ultrapassados e defasados. Esta situação impossibilita o aprimoramento das discussões acerca de práticas pedagógicas que contemplem uma educação para o mundo moderno.

Diante desse cenário, cabe-nos uma reflexão acerca do processo ensino-

aprendizagem, colocando-nos diante do seguinte dilema: quem educa quem nesse processo? É a escola – que se propõe a isso, mas não faz adaptações para tornar o ensino significativo, apresentando um alto índice de evasão de seus alunos e cujo processo de ensino-aprendizagem possui problemas crônicos de longas datas? Ou é a TV – apresentando aquilo que os alunos querem ver e que tem significado para eles, cuja linguagem elaborada e eficiente consegue prender a atenção de seus telespectadores?

Observamos que, enquanto as tecnologias, especialmente a TV, é negligenciada pelo processo educativo, nossas escolas continuam formando cidadãos despreparados para o convívio nesta sociedade imersa em tecnologias, gerando assim um contingente humano de excluídos que dificilmente encontrarão espaço no mundo globalizado e competitivo em todos os setores.

É pertinente que se trabalhe com os alunos a construção dos vídeos exibidos pelas mídias em sala de aula, mostrando-lhes como são criados e o porquê de sua criação, para que com isso eles tenham melhores oportunidades de integrarem os vídeos e as imagens que são produzidas nas suas interpretações e o que lhes forem apresentados pela televisão. Esta seria uma proposta de metodologia para trabalhar as mídias em sala de aula. Não devemos maquiagem a realidade da TV para nossas crianças, devemos apresentá-las e propor-lhes reflexões acerca delas.

Uma aproximação entre a escola e as mídias representa uma mudança transformadora para ambas. Sendo assim, vale ressaltar que a televisão deve ser levada a sério. Para tanto, é importante refletirmos sobre a real finalidade das novas mídias na sociedade. O professor deve participar conjuntamente com os alunos das discussões que serão feitas, a partir da visualização de vídeos que são exibidos na mídia, auxiliando, onde for preciso, para a formação de seus alunos. Devem-se apresentar os vídeos, falar de como se dá o seu processo de criação, explorar as cenas, imagens e diálogos apresentados e fazê-los refletir, de acordo com o tipo de intenção, sobre o que está por trás do vídeo trabalhado. Essas seriam algumas sugestões de como explorar a TV em nosso cotidiano escolar.

É importante atentarmos ao fato de que fazer educação, num mundo dominado

pelas mídias, é um desafio de todos: pais, alunos, professores, comunidade, etc. Pois é necessário formar o ser humano mutável que acompanhe de maneira plena as modificações vividas pela sociedade em que esteja inserido.

Nesta relação, o professor tem a vantagem de ser um meio de comunicação parcial, podendo utilizar a TV como um recurso didático, pois a comunicação direta entre o professor e seus alunos é capaz de mudanças radicais, de formar posturas convictas, de direcionar ou influenciar os mecanismos de decisão e de ação do sujeito. Mas, apesar de poder ser mais instigante que a própria televisão, o educador deve aliar seu método de ensino-aprendizagem à realidade dos alunos, fazendo com que a TV e outros recursos tecnológicos façam parte do ensino em sala de aula, alertando-lhes para o despertar de um senso crítico com o intuito de se ter uma vivência saudável diante dos poderes da mídia.

A preocupação com a educação das crianças, diante das influências que a mídia pode oferecer – tendo como mediadores dessa relação a escola, os pais e responsáveis –, seria um primeiro passo para a construção de uma educação realmente preparada para mediar as tensões que permeiam a relação do homem com o mundo que o insere. Questões como o conceito de “programa educativo” e “não educativo” e a defasagem do currículo do professor ligada a capacitação de sua prática pedagógica, são sugestões para discussões que podem ser levantadas quando tratamos de mídia e educação.

Levantar questões como o conceito de “programa educativo” e “não educativo” e a defasagem do currículo do professor ligada à capacitação de sua prática pedagógica, são discussões relevantes para servirem de estratégias ao desenvolvimento de ações e de iniciativas que visam ao avanço das práticas pedagógicas em relação à utilização das mídias na educação de nossas crianças.

## REFERÊNCIAS

ALVETTI, Celina; HUMMELL, Rosita; BINI, Bruno; CARCERERI, Helen; ZUCCOLOTTO, Kátia & PASQUAL, Maria Salete. 2005. **A influência da TV na criança** – Um estudo de recepção em escolas de Curitiba. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/alveti-hummell-bini-carcereri-zuccolotto-pasqual-influencia-tv-crianca.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2009.

BELLONI, M. L. **O que é Mídia** – Educação? Campinas, Autores Associados, 2005.

BONILLA, Maria Helena. Educativo! - Amarra que impossibilita o voo. 2001. In: **Revista de Educação CEAP**, n. 33, p. 47-51, 2001. Disponível em: <<http://www.faced.ufba.br/~bonilla/texto3.htm>>. Acesso em: 17 nov. 2008.

BRANCO, Maria Luísa. **Construção da autonomia moral**: a construção da teoria do desenvolvimento do ego de Jane Loevinger. 2003. Disponível em: <<http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/25/01.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2009

CARMONA, Beth. Emissão consciente e recepção crítica. In: PACHECO, Elza Dias. **Televisão, criança, imaginário e educação**: Dilema e diálogos. Campinas: Papyrus, 1998.

CUNHA, Joviniano Borges. **Televisão**: da sala de estar para a sala de aula. 2005. Disponível em: <[www.aurora.ufsc.br](http://www.aurora.ufsc.br)>. Acesso em: 24 out. 2009.

DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do conhecimento**: os desafios da educação. 2001. Disponível em: <<http://dowbor.org/tecnconhec.asp>>. Acesso em: 06 jun. 2009.

FERNANDES, Adriana Hoffmann. **As mediações na produção de sentidos das crianças sobre os desenhos animados**. Disponível em: <[http://www.radio.faced.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2005/as\\_mediacoas\\_na\\_producao.pdf](http://www.radio.faced.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2005/as_mediacoas_na_producao.pdf)>. Acesso em: 06 ago. 2009.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e Educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar

na (e pela) TV. 2002. In: **Educação e Pesquisa**. jan./jun. 2002, ano/vol. 28, n.001, Universidade de São Paulo. p.151-162. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/298/29828111.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2009.

FISCHER, ROSA MARIA BUENO. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre: v. 22, n. 2, p. 59-80, jul./dez., 1997. Disponível em: <[http://www.educacaoonline.pro.br/o\\_estatuto\\_pedagogico.asp?f\\_id\\_artigo=173](http://www.educacaoonline.pro.br/o_estatuto_pedagogico.asp?f_id_artigo=173)>. Acesso em: 21 ago. 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUSARI E REZENDE de, Maria Felisminda. **O educador e o desenho animado que a criança vê na televisão**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

GIROUX, Henry A. **Animating Youth**: the Disnification of Children's Culture. 1995. Disponível em: <[http://www.henryagiroux.com/online\\_articles/animating\\_youth.htm](http://www.henryagiroux.com/online_articles/animating_youth.htm)>. Acesso em: 16 jul. 2009.

HERNÁNDEZ, Fernando & SANCHO, Juana Maria. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HOINEFF, Nelson. **A nova televisão**: desmassificação e o impasse das grandes redes. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

LEITE, Márcia. TV e realidade: produção social e apropriação pedagógica. 2005. In: PACHECO, Elza Dias. **Televisão, criança, imaginário e educação**: Dilema e diálogos. Campinas: Papirus, 1998.

MAGALDI, Sílvia. É possível educar para e com a TV? 2007. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/dte/tetxt5.htm>>. Acesso em: 17 nov. 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**: a vida pelo vídeo. 13. ed, São Paulo: Moderna, 1988.

MENDONÇA, Anna Valeska Procópio de M., MENDES, Joana D'arc Umbelino e SOUZA, Suellen C.C.. **Uma reflexão sobre a influência dos desenhos animados e a possibilidade de utilizá-los como recurso pedagógico**. 2007. Disponível em:

<[http://mail.falnatal.com.br:8080/revista\\_nova/a3\\_v2/artigo\\_8.pdf](http://mail.falnatal.com.br:8080/revista_nova/a3_v2/artigo_8.pdf)>. Acesso em: 14 de abr. 2009.

MORAN, José Manuel. **As mídias na educação**. 2007. Disponível em: <[http://ww.eca.usp.br/prof/moran/midias\\_educ.htm](http://ww.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm)>. Acesso em: 14 abr. 2009.

MORAN, José Manuel. **Desafios da televisão e do vídeo à escola**. 2002. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/desafio.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. Fiz a correção, é 1999.

PACHECO, Elza Dias. **O pica-pau: herói ou vilão? Representação social da criança e reprodução da ideologia dominante**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

PACHECO, Elza Dias. **Televisão, criança, imaginário e educação: Dilema e diálogos**. Campinas: Papyrus, 1998.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Televisão e Escola: conflito ou cooperação?** São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção educação Contemporânea).

PEREIRA, Sara de Jesus Gomes. **A televisão na família: processos de mediação de crianças em idade pré-escolar**. 1998. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4265/1/TVnaFam%3%adlia.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2009.

PEREIRA, Sara. **Os desafios educativos dos media na educação de infância**. 2008. Disponível em: <[http://cedic.iec.uminho.pt/Textos\\_de\\_Trabalho/textos/desafios.pdf](http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/desafios.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2009.

PILLAR, Analice Dutra. **Criança e Televisão: leituras de imagens**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

PIROLA, Maria Nazareth Bis. **Televisão, criança e educação: as estratégias enunciativas de desenhos animados**. 2006. Disponível em: <<http://www.ppge.ufes.br/dissertacoes/2006/MARIA%20NAZARETH%20BIS%20PIROLA.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2009.

POUGY, Eliana Gomes Pereira. **A criança e a televisão** – Uma visão no fim do túnel. 2005. Disponível em: <[http://www.tonomundo.org.br/upload/image/ethos2\\_a\\_crianca\\_e\\_a\\_televisao.doc](http://www.tonomundo.org.br/upload/image/ethos2_a_crianca_e_a_televisao.doc)>. Acesso em: 04 out. 2009.

SANTIAGO, Maria Rezende Procaci. **A leitura da imagem**. 2007. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/comunicacao/0011.html>>. Acesso em: 24 jun. 2009.

SANTOS, Rodrigo & REIS, Alexandre Borges dos. **O sistema educacional ante as novas tecnologias de informação e comunicação**: o grande desafio brasileiro na sociedade da aprendizagem. 2007. Dissertação (Especialização em Política e Estratégia) Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra e Universidade do Estado da Bahia, Salvador-BA.

SILVA, Hugo Leonardo Fonseca da. Indústria cultural e educação infantil: o papel da televisão. **Revista da UFG**, Vol. 5, nº 2, dez. 2003. Disponível em: <[www.Proec.ufg.br/revista\\_ufg/infancia/F\\_cultural.html](http://www.Proec.ufg.br/revista_ufg/infancia/F_cultural.html)>. Acesso em: 28 out. 2009.

SOIFER, Raquel. **A criança e a TV**: uma visão psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

TAVOLA, Artur da. Comunicação é mito: televisão uma leitura crítica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. TV, Criança e Imaginário. In. PACHECO, Elza Dias (org.). **Televisão, criança, imaginário e educação**. Campinas: Papirus, 1998.

TOLEDO, Renata Aparecida. **A polifonia no discurso publicitário como recurso pedagógico**. Universidade Federal de São João Del Rey. 2008. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec02/article/view/211/290>>. Acesso em: 08 ago. 2009.